

A Marcha de sua Coluna

Dalcídio Jurandir

Muitas vezes, no silêncio do subúrbio, cheios de perguntas, queríamos, em meia hora de discussão, salvar a nação e o mundo. Pesava em nossos ombros o Brasil, como se carrega-lo fosse responsabilidade unicamente nossa, de jovens suburbanos. Pesava em nós, enormes e irrealizado, como um país em projeto. Tínhamos a pressa dos adolescentes, queríamos construí-la com urgência. Era uma noite de outubro, quente, com um grande céu anunciando a lua. E esperávamos, com a nossa insônia cívica, velando para que o país não se precipitasse, de uma vez para sempre, no velho abismo e á espera de ver, de repente, em nossas mãos, como um milagre, o Brasil que sonhávamos. Havíamos discutido com intolerância e a certeza de que éramos infalíveis. Cada um de nós acreditava que bastava a nossa pureza, o nosso ar bíblico de José, o predestinado, para que pudéssemos instalar pelo Brasil universidades, celeiros e parques industriais. Deveríamos varrer do Catete as velhas águias sinistras que viviam roendo o país e, quando falávamos dos políticos dominantes, sentíamos logo um mau cheiro a envolver-nos, insuportável. Tínhamos, com efeito, por todos eles, um horror solene. Assim discutíamos com a nossa imaginação, sobretudo com a nossa audaz e transbordante ignorância. Nessa conspiração gratuita, tão febrilmente necessária para a nossa presunção juvenil, alguém disse um nome, que soou, breve e denso, como viesse, de confidência em confidência, de distâncias e multidões que atravessava.

- Prestes?

Repetimos o nome como uma pergunta que, de súbito, nos pareceu naquela hora a essência de todas as nossas interrogações e de nossa ansiedade.

Como ninguém falasse, olhamos a lua que saía, macia e gorda, sobre os quintais cheios de bananeiras. Um galo veemente cantou perto. Dava-nos a lua a impressão de que saía para indicar-nos os caminhos percorridos pelo homem legendário, as seis mil léguas que uma coluna de fabulosos caminhadores havia pisado, abatendo generais, rompendo cercos, dona da distancia e do heroísmo. Prestes já não caminhava pelo sertão. Desfeita, a Coluna no entanto, agora é que começava a andar em nossos corações. Todos os nossos apelos dirigiam-se a ela ao homem que víamos de barba grande, sério e misterioso, nascido da ação e do triunfo. Se havia um homem assim, que vencía o próprio simbolismo do seu nome, para permanecer intacto, ativo, rico de nossas esperanças, era porque o Brasil o merecia. A confiança no homem brasileiro aumentava em nossas cogitações algumas vezes pessimistas ou desalentadas. A Coluna abrira um sulco de legenda e de história, os seus cavaleiros se cobriam de uma realidade crescente e à frente deles, constante em nossa fé e em nosso cuidado pelo Brasil, estava Luiz Carlos Prestes. Quando poderíamos avistar, de novo, nos mesmos caminhos percorridos, nas montanhas conquistadas, nas cidades libertadas, o cavaleiros intrépido? Quando poderíamos apertar a mão do comandante que passou a encarnar idéias nossas, sentimentos, confianças, o desvelo que a nossa adolescência sofria pelo Brasil?

Os anos correram e os acontecimentos vieram mudando a história, abrindo para o gênero humano um caminho que não sonhávamos naquelas noites, pois maior que nosso pobre sonho suburbano de adolescentes é a ação do homem. E uma noite, na casa de um poeta, pudemos ver o homem simples e legendário que nos apertou a mão.

No XXX aniversário da Coluna, Prestes em seu novo caminho, o caminho revolucionário que transforma o mundo, á frente do seu Partido que se converte em centro da nova realidade brasileira, faz ressoar a grande voz da classe operária e das massas camponesas. Surgirão no Brasil os novos tempos agora anunciados por Prestes e será construído o país que desejaríamos construir outrora apenas com os nossos sonhos.

Obs: Jornal não identificado.